



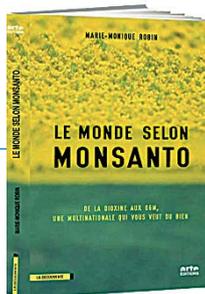
Protesto contra milho transgênico na Alemanha, em 2007, durante a reunião do G8, o grupo dos sete países mais ricos do mundo mais a Rússia

O mundo da Monsanto

Pesquisa de jornalista francesa sobre a gigante de biotecnologia resulta num verdadeiro dossiê sobre os crimes praticados pela transnacional com o apoio de uma teia de articulações políticas e manipulações em todo o mundo

Douglas Estevam

Marie-Monique Robin lançou este ano na França seu mais recente livro **O mundo segundo a Monsanto: da dioxina aos OGMs, uma multinacional que quer seu bem**. Fruto de quatro anos de pesquisa, o livro é complementado por um filme do mesmo título, no qual ela organiza com maestria uma série de materiais sobre o percurso da “firma de São Luis”, nome adotado pela autora em referência à



cidade na qual a transnacional está sediada, nos EUA.

A maior empresa de biotecnologia do mundo, que se apresenta como uma “empresa agrícola”, com o objetivo de “ajudar os camponeses do mundo a produzir alimentos mais sãos, (...) reduzindo o impacto da agricultura sobre o meio ambiente” foi criada em 1901 como um empreendimento do ramo químico, setor em que se tornaria também uma das maiores. Hoje a Monsanto controla 90% dos OGMs [Organismos Genética-

mente Modificados] do mundo e seu herbicida **Roundup** é um dos mais comercializados na história da agricultura.



PCB

Refazendo o percurso que garantiu a transnacional sua atual estatura, Marie-Monique estuda os problemas que envolvem o primeiro grande produto desenvolvido pela Monsanto: o PCB. Este óleo químico utilizado como líquido refrigerante em transformadores



elétricos e aparelhos hidráulicos industriais se tornou o primeiro monopólio internacional da Monsanto. Produzido entre 1929 e 1971, numa unidade da empresa instalada na cidade de Anniston, a Monsanto escondeu durante anos a poluição provocada pela fabricação do produto. A contaminação da cidade, dos rios, do solo, provocou a morte de dezenas de pessoas por câncer e diversos problemas de saúde.

Em 2001, 20 mil habitantes de Anniston moveram um processo contra a Monsanto. O advogado Donald Stewart conseguiu na Justiça autorização para consultar as mais de 500 mil páginas de documentos que a empresa se negava a fornecer. Estes documentos comprovam que desde 1937 a Monsanto conhecia os efeitos do PCB. Condenada na justiça, ela foi obrigada a pagar uma indenização de US\$ 700 milhões (cerca de R\$ 1,2 bilhão), garantir a descontaminação do lugar e a construção de um hospital especializado. Mas nenhum dirigente da transnacional foi responsabilizado. Aliás, na Constituição dos EUA é difícil que um quadro seja responsabilizado.

A autora realizou um entrevista com Ken Cook, dirigente da organização de proteção ambiental *Working Group*, em que ele diz que “as indenizações pagas depois de décadas de contaminação não representam mais que uma pequena fração de seus rendimentos (da Monsanto), é então rentável guardar o segredo”. Apoiando-se em declarações literais dos documentos, ele afirma que Monsanto “escondeu o fato do envenenamento porque eles não queriam perder um dólar”, e conclui: “podemos nos pergun-

Termo que define o período em que os países vencedores da Segunda Guerra Mundial e as grandes indústrias de armamento buscaram alternativas na agricultura para manter os altos lucros obtidos no período de conflito. Passou-se a aplicar no campo o conjunto de produtos usados na guerra. Os materiais de explosivos, por exemplo, viraram adubos sintéticos e nitrogenados, e os gases mortais tornaram-se agrotóxicos. Como resultado desse processo hoje se verifica a rede encadeada entre agronegócio, monocultura, exportação, exclusão social e multinacionais.

tar quais segredos Monsanto guarda atualmente. Não podemos nunca confiar numa empresa como ela para dizer a verdade sobre um produto ou um problema de poluição”.

Dioxina e guerra

A dioxina é uma substância tóxica produzida a partir de compostos químicos de cloro e de sua combustão em alta temperatura. O termo dioxina envolve mais de 200 tipos diferentes de substâncias. Largamente desenvolvido durante a Segunda Guerra Mundial, o produto se tornou uma das principais substâncias na produção de herbicidas que, depois da guerra, junto com os adubos, seriam a base da chamada **Revolução Verde**.

Brian Tokar, cofundador do *Institute for Social Ecology*, em um artigo de 2003, escrevia que “um punhado de multinacionais que dominam o mercado de adubos e pesticidas químicos fizeram fortuna durante a guerra. São as mesmas que controlam hoje a biotecnologia e as sementes, ou seja, a produção de alimentos”. A Dupont, uma das maiores empresas de sementes do mundo, fornecia pólvora e explosivos para os aliados. Aventis, outra gigante da biotecnologia, fornecia explosivos e gases mortais para os alemães. Esta última, em parceria com a Basf e a Bayer, produziram o gás Zyklon, utilizado nos campos de concentração contra os judeus. Em 1942 a Monsanto participou do projeto Manhattan, que tinha como objetivo a produção, no menor tempo possível, da bomba atômica que seria lançada em 1945 sobre Hiroshima e Nagasaki.

A ligação entre o Pentágono e a Monsanto é relatada por Marie-Monique na análise da operação Ranch Hand: a



Manifestação contra a Monsanto, na Índia, em 2003



Robvini



Hoje a Monsanto controla 90% dos organismos geneticamente modificados

produção do agente laranja. Segundo a autora, a firma de São Luis conseguiu emplacar um de seus maiores contratos. O projeto era baseado na utilização de herbicidas, à base de dioxina, que foram pulverizados sobre o Vietnã entre 1962 e 1971, totalizando uma superfície de 3,3 milhões de hectares de florestas e terras devastadas. Uma declaração do governo do Vietnã do Sul alegava que “nenhum dos produtos utilizados era tóxico e que não constituíam perigo para a vida selvagem, nem para os animais domésticos, os seres humanos ou o solo”.

A jornalista visitou hospitais no Vietnã e constatou que ainda hoje se fazem sentir os impactos da utilização do agente laranja. Segundo as autoridades médicas, 150 mil crianças sofrem de malformação e 800 mil pessoas estão doentes pela contaminação. Os impactos não foram menores nos soldados estadunidenses que lutavam no Vietnã. A organização de veteranos da guerra moveu um processo contra a Monsanto e 40 mil pessoas foram indenizadas.

Ainda sobre a dioxina, o livro analisa o acidente numa usina da Monsanto, em 1989, situada na cidade de Nitro, que fabricava o herbicida de base

do agente laranja. Atingindo 228 empregados e provocando doenças desfigurantes cuja origem era a dioxina, a transnacional tentou por diversos meios, com manipulação de pesquisas e corrupção, dissimular os efeitos da dioxina. O mesmo que ela havia feito com o PCB.

Lobby e política

A investigação de Marie-Monique não se limita aos aspectos puramente técnicos ou científicos, mas acrescenta à estas as articulações políticas que asseguraram — ou talvez assegurem — o desenvolvimento da transnacional. As articulações promovidas pela empresa para a implementação no mercado do seu hormônio transgênico de crescimento bovino, o Posilac, foram a base para a futura liberação dos OGMs, que estavam em processo de finalização de pesquisas por diversas empresas.

O hormônio de crescimento bovino foi, com efeito, o primeiro produto fabricado por manipulação genética pela Monsanto. Ele tinha como objetivo aumentar a produção de leite das vacas em 15%. Sua liberação no mercado, assim como dos outros pro-

duto geneticamente modificados que estavam por ser lançados, dependiam da liberação da *Food Drug and Administration* (FDA), a agência estadunidense responsável pela autorização da comercialização de alimentos e produtos farmacêuticos destinados ao consumo humano e animal. É exatamente neste momento que Michael Taylor, que trabalhou como advogado para Monsanto durante quase uma década, assume o segundo cargo mais importante na FDA. Ele ficou três anos na agência, tempo suficiente para regulamentação dos OGMs, e depois, antes de retornar à Monsanto como vice-presidente, teve uma passagem pelo Ministério da Agricultura dos EUA.

Um dos vários cientistas que teve sua vida arruinada pela pressão da Monsanto sobre o meio científico foi Richard Burroughs. Antigo funcionário da FDA, conduziu experiências que comprovavam os efeitos da contaminação do leite em vacas tratadas com Posilac. Ele foi demitido.

A contaminação gerada pelo óleo PCB provocou a morte de dezenas de pessoas em Anniston (EUA)

A gigante da biotecnologia, que já havia investido somas consideráveis nas pesquisas e fabricação dos OGMs, teve que enfrentar um processo no Canadá, que impediu o produto neste país. A empresa foi processada por corrupção, assumindo que teria oferecido US\$ 2 milhões (cerca de R\$ 3,4 milhões) para a Santé Canada, a agência reguladora deste país. O Posilac também foi proibido na Europa.



Depois da implantação do hormônio nos EUA, a taxa de câncer no seio em mulheres com mais de 50 anos cresceu 55,3%, de 1994 a 2002. Mas isto não impediu que a *Joint Expert Committee on Food Additives* (JEFCA), o comitê científico consultativo comum da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da *Food and Agriculture Organization* (FAO), ambos órgãos das Nações Unidas, declarasse a inexistência de problemas com o hormônio. Entre os cientistas responsáveis pela autorização do produto pelo órgão da OMS e da FAO encontram-se ex-funcionários da Monsanto.

Roundup e soja transgênica

A turbulenta história de contaminação, processos, manipulação de dados por cientistas relatada no livro e no filme tratam da dupla de produtos mais impor-

tanos da Monsanto, o herbicida *Roundup* e a soja geneticamente modificada *Roundup Ready*.

O herbicida, apresentado como o primeiro produto biodegradável do gênero, foi lançado em 1974 e se tornaria o mais vendido no mundo. A classificação de biodegradável agregada ao produto pela Monsanto, depois de todos os problemas envolvendo a dioxina, lhe valeram duas condenações por falsa propaganda, a primeira em Nova Iorque, em 1996, e a segunda em 2007, na França.

O professor francês Robert Bellé, ligado ao Instituto Roscoff e ao Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS, na sigla em francês), estudou os impactos do glifosato, principal substância química do *Roundup*. Segundo o professor, o glifosato não apresenta problemas em si, mas sim sua utilização com outras substâncias

que constituem o *Roundup*. Isto quer dizer que é o próprio *Roundup* que é tóxico, e não seu princípio ativo. Bellé alerta que o perigo de provocar câncer vai aparecer em 30 ou 40 anos, principalmente para os produtores. O pesquisador foi incitado a não divulgar os efeitos porque existia a preocupação em proteger o desenvolvimento dos OGMs.

A soja *Roundup*, criada para trabalhar com o herbicida da empresa, foi autorizada nos EUA em 1996. Sua liberação se baseou principalmente no princípio de equivalência de substância, segundo o qual as plantas geneticamente modificadas não apresentam diferenças em relação às plantas convencionais. Este princípio seria importante para liberalização dos OGMs em outras partes do mundo.

Em visita aos laboratórios da Monsanto em 1987, ainda na condição de

Professor Robert Bellé diz que o próprio herbicida *Roundup* é tóxico, e não seu princípio ativo



SVC



Didi Rodrigues



Nicolas Frederic



05/08

Livro mostra os problemas de contaminação no México por conta do uso de transgênicos

vice-presidente de Ronald Reagan, George Bush (pai) sinalizava os rumos que guiarão sua política futura. Em uma cena inacreditável, gravada nos laboratórios da “firma de São Luis”, que Marie-Monique insere em seu filme, o futuro presidente diz que seu trabalho é a desregulamentação e que se a Monsanto tivesse algum problema com entraves regulamentares, era só ligar para ele.

Dan Glickman, ministro da Agricultura de Bill Clinton, responsável pela liberação da soja *Roundup*, diz que “nós deveríamos ter feitos mais testes. Mas as empresas agroalimentares não queriam porque elas tinham feito grandes investimentos para desenvolver este produto. Eu recebi muita pressão, principalmente de pessoas do comércio exterior”.

Embora um significativo número de cientistas da FDA discordassem dos dados fornecidos pela Monsanto, a instituição emitiu o texto mais importante para a liberação dos OGMs. James Maryanski, que dirigiu o departamento até 2006, em entrevista à autora assumiu que “foi uma decisão política” que orientou a regularização pela FDA e,

para isto, Michael Taylor, antigo advogado da Monsanto que estava na FDA no momento, teve importância decisiva.

Controle internacional

Encerrando sua análise, a autora aborda os impactos dos OGMs em alguns países onde a empresa conseguiu se implementar com maior força. Hoje, entre os maiores produtores de OGMs, depois dos EUA, encontram-se a Argentina, o Brasil e a Índia.

Hoje, entre os maiores produtores de OGMs, depois dos EUA, encontram-se a Argentina, o Brasil e a Índia

Marie-Monique apresentou o aumento estrondoso do número de suicídios dos camponeses na Índia que não conseguem arcar com os custos da produção. Depois de um ano e meio da introdução do algodão transgênico da

Monsanto no país, 1.280 camponeses se suicidaram. A jornalista ainda mostra os problemas de contaminação no México e relata a liberação, depois da entrada clandestina no país, dos OGMs da Monsanto no Paraguai. O controle da empresa se consolida com a aquisição de uma imensa quantidade de empresas de sementes em todo o mundo, mais de 50 nos dias de hoje.

O controle da empresa também se faz presente nos níveis das organizações internacionais, como já vimos em relação aos órgãos ligados à OMS e à FAO. Complementar à esta influência, é a importante participação da empresa nos acordos tratados na OMC, principalmente na elaboração das legislações sobre propriedade intelectual, o que proporciona que seu lucro com *royalties* seja garantido em todo o mundo.

A autora chega ao fim de seu livro com uma indagação colocada por Marc Brammer, funcionário da agência internacional de análise extra-financeira Innovest, que poderia sintetizar bem o que está em jogo: “nada pode nos assegurar que os OGMs não serão o agente laranja de amanhã...”. ■